V CONGRESSO INTERNACIONAL DAS **LICENCIATURAS** COINTER - PDVL 2018

A IDEOLOGIA NO DISCURSO: UMA ANÁLISE DA LETRA DA CANÇÃO “PAGU”

THE IDEOLOGY IN THE SPEECH: AN ANALYSIS OF THE LETTER OF THE “PAGU” SONG

Apresentação: Comunicação Oral

Natália Pires Linhares¹; Patrícia Valerio da Silva²; Henrique Fagundes Júnior³; Ailton Dantas de Lima⁴

DOI: <https://doi.org/10.31692/2358-9728.VCOINTERPDVL.2018.00012>

Resumo

Os discursos são produções humanas perpassadas pelas ideologias. Esses discursos materializam-se em textos que, por sua vez, existem sob forma de gêneros discursivos a circularem nas diversas esferas da atividade humana. Depreender o viés ideológico presente nos discursos exige um olhar para além da materialidade linguística. Nessa perspectiva, este trabalho objetiva evidenciar, considerando a análise das marcas linguísticas e discursivas, o discurso subjacente na letra de uma canção classificada como pertencente à vertente musical MPB – música popular brasileira. Para subsidiar a análise, recorreu-se a aspectos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa, sobretudo às visões de sujeito e de ideologia. O estudo optou por uma análise de natureza qualitativa, uma vez que o texto é uma produção humana caracterizada pelo inacabamento e, por isso, sua compreensão não se esgota na quantificação. Foi selecionado o poema-canção “Pagu”, produzido pelas cantoras e compositoras Rita Lee Jones e Zélia Cristina Duncan Gonçalves Moreira, conhecidas no meio artístico como Rita Lee e Zélia Duncan, respectivamente, para o estudo de cunho qualitativo realizado. A análise demonstra, por meio da possibilidade de leitura construída, que diferentes visões acerca do mundo podem ser veiculadas pelo gênero discursivo canção e que, sob uma leitura não-reflexiva ou descontextualizada, o texto pode não ter êxito em seu propósito comunicativo, por não estabelecer a apropriação, pelo leitor, da perspectiva ideológica articulada pelo autor. A canção, conforme demonstrado no presente artigo, exige do leitor não apenas conhecimento linguístico, mas também conhecimento de mundo para que se possa compreender o assunto abordado e a mensagem que as compositoras se propõem a transmitir.

Palavras-Chave: Discurso, Ideologia, Canção.

¹ Licenciatura em Espanhol, Instituto Federal De Educação, Ciência e Tecnologia Do Rio Grande Do Norte, nataliaplinhares@gmail.com

² Licenciatura em Espanhol, Instituto Federal De Educação, Ciência e Tecnologia Do Rio Grande Do Norte, patriciavalorios@gmail.com

³ Licenciatura em Espanhol, Instituto Federal De Educação, Ciência e Tecnologia Do Rio Grande Do Norte, h_henrique_p@hotmail.com

⁴ Doutor em Linguística Aplicada, Instituto Federal De Educação, Ciência e Tecnologia Do Rio Grande Do Norte, ailtonlinguistica@gmail.com

Abstract

Discourses are human productions permeated by ideologies. These discourses materialize in texts that, in turn, exist in the form of discursive genres to circulate in the various spheres of human activity. Deprecating the ideological bias present in discourses requires a look beyond linguistic materiality. In this perspective, this work aims to evidence, considering the analysis of linguistic and discursive marks, the underlying discourse in the lyrics of a song classified as belonging to the musical branch MPB - Brazilian popular music. To support the analysis, we used theoretical aspects of French Speech Analysis, especially visions of subject and ideology. The study opted for an analysis of a qualitative nature, since the text is a human production characterized by unfinished and, therefore, its comprehension is not exhausted in the quantification. The poem-song "Pagu", produced by the singers and composers Rita Lee Jones and Zélia Cristina Duncan Gonçalves Moreira, known in the art medium as Rita Lee and Zélia Duncan, respectively, was selected for the qualitative study. The analysis demonstrates, through the possibility of constructed reading, that different visions about the world can be conveyed by the discursive genre song and that, under a non-reflexive or decontextualized reading, the text may not succeed in its communicative purpose, to establish the appropriation by the reader of the ideological perspective articulated by the author. The song, as demonstrated in this article, requires not only the linguistic knowledge but also the knowledge of the world in order to understand the subject matter and the message that the composers propose to transmit.

Keywords: Speech, Ideology, Song.

Introdução

Análise do discurso (AD) é uma área que se preocupa tanto com os saberes linguísticos que envolvem a parte da gramática da língua, da palavra e da frase, quanto com os aspectos externos da língua que são adquiridos na prática cotidiana dos indivíduos, englobando os aspectos históricos, bem como os ideológicos e sociais.

Considerando essa perspectiva da AD, o olhar sobre os gêneros discursivos das diferentes esferas da atividade humana assume nova perspectiva. Nesse contexto, o gênero canção, por exemplo constitui-se em um material de análise relevante para a AD. As canções não se caracterizam apenas como composições estruturadas de maneira harmoniosa que unem a materialidade linguística à sonoridade. Podem ser, também, um espaço em que o compositor articula um determinado discurso. Elas trazem consigo — como todo ato de linguagem — um viés ideológico que pode existir de forma explícita ou implícita, deixando, assim, ao ouvinte/leitor a possibilidade de realizar interpretações necessárias. A esse respeito, Brandão (2012), em seu texto “Enunciação e construção do sentido”, ressalta que a linguagem não é transparente, mas marcada por uma opacidade em que se abrigam vários sentidos, podendo conotar esquemas, ideias, valores e crenças semanticamente opostos.

Nesse viés ideológico, um aspecto relevante a ser observado nas canções são as subjetividades existentes. Sobre essa questão Benveniste apud Brandão (2012) conceitua a subjetividade como a potencialidade de o locutor se colocar como sujeito do seu discurso. Segundo ele, todo discurso deixa marcas que nos auxilia a apreender concretamente o sujeito na prática da linguagem a ser produzida. Outro ponto relevante é a interação social presente no ato de enunciação. Para Bakhtin, a concepção de interação verbal e de diálogo supõe a intenção verbal de que qualquer comunicação verbal engloba uma comunicação contínua em que o outro estará sempre designado na forma ativa, e não passiva, orientando a construção do discurso.

Sendo assim, o trabalho objetiva revelar, por meio da análise de marcas linguísticas e discursivas, a ideologia que marca o discurso na canção “Pagu”. Partindo da problemática “É possível, por meio de marcas linguísticas e discursivas, perceber o discurso veiculado em um determinado texto?” e tendo como referencial teórico as ideias de Benveniste e Bakhtin.

Fundamentação Teórica

A Análise do Discurso de linha francesa

O surgimento da Escola Francesa de Análise do Discurso se deu no final da década de 1960, estando atrelado a uma proposta de intervenção política. De acordo com Brandão (2012), a AD nasceu em um momento de agitação do ponto de vista político e social, culminando com o movimento estudantil de 1968, em que os estudantes universitários saíram às ruas pedindo reformas no ensino. Neste cenário, a Análise do Discurso Francesa procurou entender esse momento político, analisando os discursos que foram então produzidos, o que reflete uma tradicional prática escolar francesa: a explicação de textos.

Brandão (2012) também afirma que o foco inicial era a linguagem na sua forma prática, os discursos políticos em suas posições bem definidas na época: os discursos de direita versus os discursos de esquerda. Definida inicialmente como o estudo linguístico das condições de produção de um enunciado, a AD ia além da questão gramatical, preocupando-se em analisar o discurso em todos os seus aspectos, isto é, preocupava-se em analisar também os elementos históricos, sociais, culturais e ideológicos existentes em um discurso.

Sujeito, formação discursiva e ideologia

O sujeito do discurso não pode ser normatizado, padronizado, uma vez que ele é resultado da sua história. Ele é constituído por um contexto histórico-social e interpelado por ideologia. A historicidade é a marca mais forte do sujeito da AD; toda a bagagem que o indivíduo carrega, sua história, onde, como e quando vive, suas relações, o ambiente em que está inserido, enfim, todos os fatores que o cercam são de suma importância para definir quem é esse sujeito e as outras vozes que dialogam com o seu discurso.

Sobre formação discursiva, Michel Foucault apud Brandão (2012) a entendia como sendo um sistema de dispersão semelhante e regular entre os enunciados. Porém, Pêcheux inseriu a heterogeneidade no conceito de formação discursiva, relacionando-a diretamente com as formações ideológicas, culminando na assunção de impossibilidade de se limitar o discurso como uma estrutura fechada.

Brandão (2012) explica que por formação ideológica entende-se o conjunto complexo de atitudes e representações que dizem respeito, direta ou indiretamente, às posições de classe social, política e econômica de onde se fala ou escreve e têm a ver com as relações de poder que se estabelecem entre os indivíduos e que são expressas quando interagem entre si. Diz ainda que cada formação ideológica pode compreender várias formações discursivas em interação, e que por isso uma palavra pode ter sentidos distintos para a formação discursiva e para a ideológica.

A visão de Benveniste

A maior contribuição de Benveniste para a linguística moderna é a questão da subjetividade. Benveniste apud Brandão (2012) define a subjetividade como “a capacidade de o locutor se propor como sujeito do seu discurso”. Essa proposição como sujeito tem como condição a linguagem e ele se determina pela pessoa e por seu status linguístico.

Benveniste classifica as marcas linguísticas da subjetividade deixadas materialmente em todo discurso – os pronomes e o verbo – integrando essas duas classes de palavras na categoria de pessoas. Brandão (2012) exemplifica, mostrando que Benveniste faz uma relação de oposição entre “eu”-“tu” e “ele” – que são pessoas presentes em todas as línguas – ao afirmar que os primeiros são pessoas (“eu” pessoa subjetiva e “tu” pessoa não subjetiva), e, o

último, uma não pessoa.

Brandão (2012) acrescenta que, com base nessa relação, Benveniste demonstra que o tempo verbal no francês, por exemplo, divide-se em dois sistemas distintos que se complementam e a eles correspondem dois planos de enunciação também diferentes, que são o plano enunciativo da história – os fatos são narrados no passado e os tempos verbais empregados são todos do passado – e o do discurso – engloba toda diversidade dos gêneros de discursos orais e escritos.

Partindo desse entendimento, pode-se dizer que no plano enunciativo da história há relatos de eventos passados sem que haja envolvimento do locutor, como se os próprios fatos narrassem a si mesmos. Porém, no plano do discurso, há envolvimento do locutor, enquadrando toda enunciação que apresenta uma intenção de influência do locutor para com seu interlocutor. Portanto, como observa Brandão (2012), esses planos se diferenciam no que diz respeito à escolha dos tempos verbais e ao emprego dos pronomes.

Sobre enunciação, Brandão (2012) assevera que, para Benveniste, seria “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”, sendo a língua, antes da enunciação, apenas uma possibilidade; porém, quando da enunciação, o locutor se apropria do aparelho formal da língua e, ao mesmo tempo em que enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, implanta o outro diante de si.

Chama atenção, na posição de Benveniste, o fato de ele caracterizar enunciação como um ato de fala pelo qual um falante se dirige a outro, e o fato de colocar a questão de dar significado à língua, de construir o sentido da palavra no ato da enunciação.

Benveniste apud Brandão (2012) assinala as formas linguísticas que marcam a subjetividade da seguinte maneira: a relação “eu-tu” que se manifesta apenas na e pela enunciação; os indicadores que correspondem a um gesto que mostra o objeto no momento da enunciação; um conjunto de funções sintáticas que se utilizam na e pela enunciação no momento em que o enunciador se vale da língua para influenciar o comportamento daquele que recebe a mensagem; o espaço simbólico da enunciação que coloca em pauta o “eu” e o “tu” para estruturar o diálogo e ressalta a relação discursiva entre os protagonistas da enunciação

A visão de Bakhtin

Bakhtin considera enunciação como característica da realidade da língua. Para esse pensador, ela se concebe como uma réplica do diálogo social, possuindo uma natureza social. Ele defende que o dialogismo é composto pelas relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados, sendo a partir dessa interação verbal na relação com o outro que o sujeito se constitui socialmente.

Nesse sentido, Bakhtin pensa a polifonia como parte essencial de toda enunciação, uma vez que em um mesmo texto existem diferentes vozes que se expressam, e que todo discurso é formado por diversos outros discursos.

Brandão (2012) explicita que o pensador russo concebe interação verbal e diálogo partindo do pressuposto de que toda comunicação verbal compõe uma corrente de comunicação contínua em que o “outro” está sempre pressuposto de forma ativa, dando orientação à construção do discurso. Essa valorização do papel do outro vai levar Bakhtin a formular a questão da compreensão. A compreensão passiva é aquela que olha o texto como um código a ser decifrado, e se opõe à compreensão ativa, que é a que tem a origem de uma resposta.

Outra noção fundamental do pensamento de Bakhtin é a de gênero do discurso. Sobre essa noção, Bakhtin (1997, p.279), afirma:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua.

A grande variedade das esferas da atividade humana dá origem a vários gêneros do discurso, que, segundo Bakhtin, resultam em formas-padrão “relativamente estáveis” de um enunciado, determinadas de forma histórico-social. Bakhtin apud Brandão (2012) entende que os gêneros do discurso são os enunciados produzidos dentro de cada esfera de elaboração da língua, que, por uma questão de economia comunicativa, são relativamente estáveis em relação ao tema, à estrutura e aos recursos linguísticos. Pela multiplicidade das atividades humanas, os gêneros são heterogêneos. Esta noção tem sido bastante produtiva na Análise do Discurso.

Brandão (2012) conclui que os pensamentos de Benveniste e de Bakhtin possuem suas próprias características, inclinando-se o de Benveniste no sentido do pensamento de um linguista e, por sua vez, o de Bakhtin se direciona para um pensamento filosófico-sociológico da linguagem, voltando para a questão da língua enquanto acontecimento social;

porém, ambos seriam complementares.

Metodologia

Neste trabalho, fizemos a opção por uma investigação de natureza qualitativa. Isso se deu pelo fato de o objeto de estudo — o viés ideológico presente na letra da canção — ser produto de uma ação humana e, por isso, conforme Alves-Mazzoti e Gewandsznajder (1998), portador de intenções, significados e finalidades.

A partir da escolha da canção: “Pagu”, produzida por Rita Lee e Zélia Duncan, realizaremos uma análise do texto para identificar as marcas linguísticas e discursivas, bem como associar as marcas a uma formação discursiva veiculadora de uma ideologia.

A escolha da canção foi realizada levando em consideração o discurso carregado de ideologia feminista que marca a canção e que está muito presente nos discursos atuais, gerando uma grande repercussão na sociedade.

Resultados e Discussão

Análise dos dados

A canção “Pagu” foi selecionada como instrumento para a análise de dados. A análise consiste em uma identificação das marcas linguísticas e discursivas presentes no texto, e uma relação entre essas marcas e a ideologia veiculada pelo discurso.

A canção como gênero discursivo

O poema-canção – ou simplesmente canção – é um gênero discursivo amplamente discutido pela linguística textual por seu caráter de difusão social. Por ser associado a atividades artísticas e de elaboração mais complexa, é considerado um gênero secundário. Quanto à estrutura, o texto é escrito em versos e estrofes, comportando rimas que favorecem o arranjo melódico.

A canção “Pagu” e seu discurso feminista

A canção “Pagu” é uma composição de Rita Lee e Zélia Duncan, que foi lançada em 2000, no álbum intitulado “3001”, pela cantora e compositora Rita Lee.

“Pagu” é uma música que homenageia Patrícia Rehder Galvão – mais conhecida pelo pseudônimo de Pagu –, uma escritora e militante política que teve grande destaque no movimento modernista brasileiro, iniciado em 1922.

Pagu foi uma figura bastante polêmica na história do Brasil. Ela nasceu em uma família burguesa, porém afastou-se desse ambiente e passou a ser militante do movimento comunista brasileiro, o que lhe rendeu 23 prisões. A artista não se comportava como se esperava das mulheres naquela época: agia, falava e se vestia como tinha vontade, distinguindo-se das demais mulheres da sociedade brasileira, o que a elevou a uma posição de símbolo para o movimento feminista. E com base na sua história, Rita Lee e Zélia Duncan compuseram uma música exaltando o feminismo e a própria Pagu, como símbolo desse movimento. A canção diz:

Mexo, remexo na Inquisição
Só quem já morreu na fogueira
Sabe o que é ser carvão
Eu sou pau pra toda obra
Deus dá asas à minha cobra
Minha força não é bruta
Não sou freira, nem sou puta
Porque nem toda feiticeira é corcunda
Nem toda brasileira é bunda
O meu peito não é de silicone
Sou mais macho que muito homem
Sou rainha do meu tanque
Sou Pagu indignada num palanque
Não sou atriz, modelo ou dançarina
Meu buraco é mais em cima

De acordo com a visão de Benveniste, o locutor se propõe como sujeito do discurso. Isso pode ser percebido pelas marcas deixadas na canção. As marcas de pessoa, o “eu” da

canção, estão presentes em todo o enunciado: “meu buraco é mais em cima”, “não sou freira, nem sou puta”, “minha força não é bruta”. Há também marcas deixadas pelo verbo, que é usado no presente, caracterizando o plano do discurso, como em “mexo, remexo na Inquisição”, por exemplo.

Conforme está explícito na letra da canção, existe um enaltecimento da figura feminina – “Pagu” –, que é o “eu” do discurso. Pode-se perceber isso em trechos como “Eu sou pau pra toda obra / Deus dá asas à minha cobra”. Ao mesmo tempo em que potencializa a figura feminina, o sujeito rompe com estereótipos atribuídos às mulheres, como em “Nem toda brasileira é bunda / Meu peito não é de silicone”. Em outras palavras, a canção carrega uma ideologia de desconstrução dos estereótipos da mulher brasileira hipersexualizada para enaltecer o poder feminino, e para tanto traz um nome que carrega grande peso dentro do movimento feminista.

Conclusões

A partir da análise da canção “Pagu” e com base na Análise do Discurso, que leva em consideração os aspectos adquiridos na vida cotidiana (sociais, históricos, ideológicos) e os aspectos linguísticos, observou-se que o gênero canção apresenta bem mais do que uma simples estrutura constituída de versos agrupados em estrofes e marcados por um determinado ritmo. Constatou-se que para além da forma, a canção apresenta um discurso atravessado por uma ideologia, a partir da qual essa análise pode ser realizada. Verificou-se que a canção “Pagu” veicula um discurso feminista. Essa conclusão foi perceptível, pois com os estudos da AD adotado na pesquisa é possível verificar como se dá a atuação da língua em seu uso efetivo, constatando como se realiza a produção dos sentidos entre interlocutores que são sujeitos situados social e historicamente.

Referências

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Trad.: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRAIT, Beth (organizadora). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

BRANDÃO, Helena Nagamine. Conceitos e fundamentos: enunciação e construção do sentido. In: FIGARO, Roseli (Org.). **Comunicação e Análise do discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2012. cap. 1. p. 19-43.

BRASIL, Luciana Leão. **Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso**: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/lep/article/viewFile/32465/17293>>. Acesso em 18 jun. 2018.

SANTOS, Juliana Dionildo dos. **Criarcontexto**: análise do discurso nas letras de música. Disponível em: <<http://www.sbpcnet.org.br/livro/63ra/conpeex/pivic/trabalhos/JULIANA%20DIONILDO%20DOS%20SANTOS.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2018.